



A CRISE NO ORIENTE MÉDIO E A PRIMAVERA ÁRABE

A PRIMAVERA ÁRABE

Ocorrida entre os anos de 2011 e 2012, foi um evento internacional que abalou as estruturas políticas, econômicas e sociais de muitos países da região do Grande Oriente Médio. Em meio a regimes autoritários e autocráticos que se mantinham por décadas, o movimento caracterizou-se por uma onda de manifestações populares e protestos que levaram milhares de pessoas às ruas.

O AUTORITARISMO NO MUNDO ÁRABE-SUNITA

O que se entende por autoritarismo?

Autoritarismo, em contraposição à Democracia, é o modelo político no qual o poder encontra-se concentrado nas mãos de um líder ou uma elite que não necessariamente responde às vontades populares, governando de forma arbitrária e sem transparência.

Como se deu esse modelo político no mundo Árabe-Sunita?

Esse modelo político se deu por meio da capacidade dos líderes nacionais em formar alianças com as elites, domésticas e externas, e com aliados regionais e internacionais. Internamente, o autoritarismo ocorreu de dois modos:

Wahhabismo

Modelo de soberania religiosa conservador e autoritário, que é facilmente modificado segundo os mais diversos interesses nacionais.

Conservadorismo

Visão política espalhada nos países árabes, baseado na modernização capitalista, petroleira e financeira com congelamento das condições de poder.

Além disso, esses regimes mostraram-se importantes para: o controle da influência comunista soviética; a contenção de ideologias pan-arabistas contrárias ao neocolonialismo; e o combate ao extremismo religioso muçulmano, às ideologias e partidos islamistas nacionais.



UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

BAHREIN

Características gerais

Monarquia Constitucional, governada pela família Al Khalifa desde 1766, e pelo Rei Hamad bin Isa Al Khalifa desde 1999.

Política nacional

O Estado se tornou responsável pela disposição dos serviços sociais necessários à população, ao passo em que mantinha relativamente estável a divisão entre Sunitas e Xiitas no país.

Política externa

Área de interesse estratégico dos Estados Unidos, tanto em função de abrigar uma Base Naval dos EUA quanto em função de ser um ponto geográfico em meio a rota marítima por onde passam cerca de 22% das importações de petróleo norte-americanas.

TUNÍSIA

Características gerais

Regime autoritário após a ascensão de Zine el Abidine Ben Ali à presidência da república em 1987.

Política nacional

Projeto nacional com a intenção de formar uma elite de tecnocratas comprometidos com seu projeto político; Uso da retórica de combate ao "radicalismo islâmico", a fim de manter as forças armadas no controle popular.

Política externa

Aproximação dos interesses ocidentais após empreender vários ajustes estruturais econômicos conforme propostas do FMI e do Banco Mundial, realizando uma ampla política de privatizações e de livre comércio que abriram o país ao capital estrangeiro.

JORDÂNIA

Características gerais

Monarquia Constitucional (semi-absolutista, em função dos poderes monárquicos para dissolução do parlamento) comandada pela família Hashemita desde 1921, e pelo Rei Abdullah II desde 1999.

Política nacional

Governo e líderes tribais formam a coluna vertebral da elite política e militar. Amparo às camadas mais baixas da população e ao grande número de refugiados no país.

Política externa

Parceiro estratégico do ocidente, sendo visto como "um oásis amigável e cooperativo em meio a uma região caótica", destino de grandes somas em assistência internacional, permitindo o funcionamento das estruturas de bem-estar social e o fortalecimento das forças armadas e policiais.

EGITO

Características gerais

Hosni Mubarak - comandante da força aérea e então vice-presidente - tornou-se presidente após a morte de Anwar al-Sadat, em 1981.

Política nacional

Estrutura de poder estabelecida em torno do alto escalão das forças armadas, dividida em Nova Guarda e Velha Guarda.

Política externa

Importante aliado dos EUA - recebendo apoio financeiro e militar, em troca da cooperação estratégica para a aproximação entre Cairo (Egito) e Tel Aviv (Israel) e para a livre navegação pelo Canal de Suez.

IÊMEN

Características gerais

Presidente Ali Abdullah Saleh desde 1990 - ano da unificação entre Iêmen do Norte e Iêmen do Sul.

Política nacional

O governo central e as tradicionais famílias e grupos de regiões do norte ter fortes conexões. O poder coercitivo é exercido por meio da repressão dos movimentos separatistas no sul e das insurgências xiitas.

Política externa

Interesses da Arábia Saudita em preservar seus vínculos privilegiados, enquanto contém a Influência iraniana. Além disso, os EUA buscam manter seguras as rotas e linhas marítimas de comunicação por onde passam navios petroleiros no estreito de Bab-el-Mandeb.

LÍBIA

Características gerais

Fim da monarquia em 1969, com o início do governo de Muammar al-Gaddafi. Sistema político-econômico alternativo tanto à vertente capitalista quanto à comunista - a chamada Terceira Teoria Universal.

Política nacional

Proclamação da Jamahiriyya Árabe Popular Socialista da Líbia, um Congresso Popular Geral, ao mesmo tempo em que houve a centralização do poder em diversas áreas através dos Comitês Revolucionários. Nacionalização do setor petrolífero e utilização de suas rendas de exportação para melhorias na infraestrutura, educação e saúde.

Política externa

Seu suporte internacional, ao longo da era Gaddafi, esteve nas parcerias árabes e africanas, tendo desavenças constantes com países ocidentais.

SÍRIA

Características gerais

Governada pela família al-Assad desde 1970, e pelo atual Presidente Bashar al-Assad desde a morte de seu pai, em 2000.

Política nacional

Concentração do poder nas mãos do alto escalão das forças armadas sírias, que atua por meio das tropas convencionais e milícias locais pró-governo em "atividades de contra-insurgência" face à oposição.

Política externa

Historicamente alinhada à União Soviética e ao Irã, compondo o "eixo de resistência" no Oriente Médio e cooperando em matéria estratégica e diplomática durante os conflitos na região, e em matéria econômica e comercial na contemporaneidade.



DESENCADAMENTO DA PRIMAVERA ÁRABE

A Primavera Árabe caracterizou-se como uma onda de protestos no mundo árabe, a partir de 2010. Identifica-se uma crise geral, apesar de diferente em cada país, de acordo com sua realidade e motivação.

Lentamente os fatores foram se alterando nas sociedades, contestando a vertente tradicional do wahhabismo.

Entre os jovens, surge um espírito crítico e um ideal de libertação, como um impulso cultural e econômico de renovação. Assim, formam-se as bases de contestação em direção à democracia, baseado em liberdade, igualdade e laicidade, que levaram à manifestação contrária aos regimes ditatoriais.

TUNÍSIA

Primeiro dos países afetados, em dezembro de 2010. O contexto econômico, somado à repressão, à falta de representatividade e à desestabilidade social, levou a uma onda de manifestações após a morte do jovem Mohamed Bouazizi. A maior tensão entre governo e população era a falta de liberdade política, desemprego e desigualdades regionais.

EGITO

Insatisfação com as facilidades ao capital estrangeiro, diferentemente dos empresários nacionais e a ampla política de privatizações. Crise econômica, resultante da queda do turismo e dos lucros do Canal de Suez. A Juventude egípcia era a mais afetada pelo desemprego e as desigualdades no país só cresciam.

BAHREIN

Tensões resultantes de divisões entre grupos eram agravadas pela marginalização econômica e política de sua população. Xiitas economicamente isolados no país, tanto nos postos de trabalho quanto no acesso às riquezas do Estado. Buscava-se acabar com as estruturas autoritárias, em busca da transição para um Regime Parlamentarista.

IÊMEN

Tem um histórico de conflitos entre grupos de tendências políticas e religiosas distintas. Profunda crise econômica desde os anos 2000, lutando para combater a corrupção, o desemprego e a pobreza. Insatisfação popular com a presença dos EUA no país, que em 2011 liderava campanhas no Iêmen para capturar e matar extremistas religiosos, em sua maioria adolescentes.

LÍBIA

Aumento do preço dos alimentos e agravamento das condições sociais. As prisões de um ativista e de um escritor levaram a uma grande comoção popular contra as medidas repressivas do governo no que foi conhecido como o "Dia da Fúria".

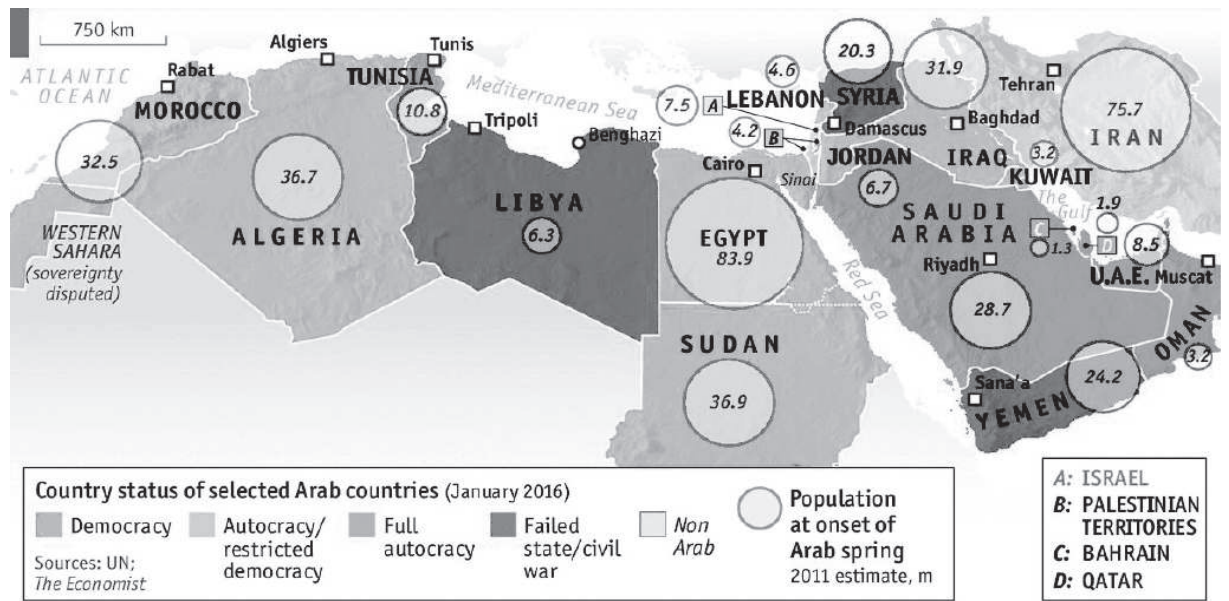
SÍRIA

Situação do país era relativamente estável até a eclosão das manifestações. As precárias liberdades civis decorrentes do governo de Bashar al Assad somavam-se às taxas de desemprego e de pobreza. As investidas social e midiática buscavam um regime mais representativo.

JORDÂNIA

Oposição ao regime sunita organizada, principalmente, pela Irmandade Muçulmana.

DESDOBRAMENTOS CONJUNTURAIS PÓS PRIMAVERA ÁRABE



Econoc

TRANSIÇÕES E ELEIÇÕES

Tunísia

Os levantes populares tiveram um cunho de movimento trabalhista de áreas rurais abandonadas pelo governo tunisiano, visando à restauração da constituição que fora suspensa.

Nos primeiros meses à frente da presidência, Mebazza iniciou uma reabertura política, ratificando tratados internacionais e legalizando partidos, até então banidos do sistema político tunisiano.

Egito

A mobilização de dezenas de milhares de pessoas que lotaram uma praça no Cairo foi liderada por jovens de centros urbanos, que eram os que mais sofriam com a falta de acesso a serviços básicos e emprego

O presidente propôs uma transição democrática controlada, sendo ele um dos candidatos às eleições a serem realizadas naquele ano. Não satisfeitos, os egípcios voltaram às ruas. Dessa vez, a pressão popular levou à renúncia de Hosni Mubarak, após 30 anos de governo.

Os militares de alto escalão assumiram o papel executivo do governo egípcio sob forma de uma administração de transição até que fossem realizadas eleições em 2012.

Panorama geral dos resultados da Primavera Árabe em cada país em 2016
Fonte: The Economist

TRANSIÇÕES INTERROMPIDAS

Jordânia

Muitos jordanianos acreditaram que a instabilidade ocasionada por uma possível dissolução do regime seria calamitosa para o país.

Abdullah II demitiu diversos primeiros ministros, interferiu no parlamento com manobras políticas que fossem interessantes para o governo. Desse modo, alguns partidos políticos, como a Irmandade Muçulmana, acabavam por perder força.

Bahreim

A não transição democrática no Bahrein foi causada pela repressão consentida pelo governo dos EUA e pelas monarquias sunitas da região.

Tropas do Conselho de Cooperação do Golfo adentraram o território do país para conter a população.

Enquanto os xiitas acusam o governo de promover uma divisão exacerbada, os sunitas acusam o Irã de estimular e influenciar os protestos.

GUERRAS CIVIS ACOM- PANHADAS DE OUTRAS RESULTANTES

Iêmen

Os protestos, inicialmente pacíficos, foram reprimidos pelo presidente, levando à morte de dezenas de manifestantes que buscavam democracia e condenavam a corrupção do governo.

Grupos tribais e desertores do exército se juntaram à oposição, gerando uma onda de violência no país. Isso forçou Saleh a negociar sua renúncia, ainda que de forma travada.

O vice-presidente tornou-se responsável pela transição democrática no país, buscada através das eleições de 2012 - e da qual, sendo o único candidato, torna-se vitorioso.

Nos primeiros anos de mandato, o então presidente buscou conciliar interesses regionais do país e expor ao mundo a força da Al-Qaeda in Arabic Peninsula (AQAP) — um dos braços mais fortes da organização, que se estabeleceu no país graças à instabilidade decorrente das manifestações. Para garantir um debate mais eficaz entre as partes, o presidente eleito aponta um comitê para debater uma proposta de divisão federalista no país.

A conciliação não foi satisfatória para os setores do sul, insatisfeitos com a garantia superficial de autonomia, e tampouco agradou os setores do norte, indispostos a deixarem as reservas de petróleo e gás natural sob controle de suas contrapartes.

A guerra civil se inicia quando os Houthis avançaram sobre a capital, a fim de derrubar o governo central. As forças armadas se organizaram para a defesa nacional, contando com o apoio estratégico e material da Arábia Saudita e dos Estados Unidos.

Líbia

A repressão do governo de Gaddafi inflou o teor das manifestações de fevereiro de 2011, fazendo as forças favoráveis e contrárias ao governo iniciarem um conflito civil armado. Sob a premissa de Responsabilidade para Proteger (R2P) o Conselho de Segurança das Nações Unidas determinou a formação de uma Zona de Exclusão Aérea no território líbio.

Visando unir os esforços das principais potências do ocidente, a OTAN iniciou uma operação, aliando-se às monarquias do golfo sob a premissa de estabilizar o país. No entanto, as tropas assumiram uma posição no conflito, aliando-se aos rebeldes contra o força nacional.

Os rebeldes ganharam força, ao avançar sobre a capital Trípoli, capturar e executar o então presidente Muhamar al-Gaddafi. Após o acontecimento, criou-se um novo governo, apoiado pela ONU e pela União Africana, através de um conselho que organizaria eleições.

Mesmo com a insatisfação de parte da população, o Congresso Nacional é montado em 2012, e elege o líder da oposição Ali Zeidan como Primeiro Ministro da Líbia. Não obstante, o Leste do país não concordou com a configuração que favorecia o Oeste em número de assentos e, em 2013, milícias começam a bloquear os terminais de exportação de petróleo.

A instabilidade fomentou a ascensão de grupos jihadistas, especialmente na região leste. O aumento da tensão, culminou na derrubada de Zeidan em 2014, e ascensão ao poder Abdallah al-Thinni, em março do mesmo ano.

Deflagra-se uma segunda guerra civil em que rebeldes insurgentes apresentam as suas divergências, enquanto enfrentam grupos jihadistas islâmicos - como o Estado Islâmico - que se disseminam pelo Golfo de Sirte, na região central do país.

Síria

Os levantes populares se reconfiguraram em uma guerra civil no início de 2012, devido a ineficácia das ações contra-insurgentes de Bashar al-Assad.

Assad confiava em apenas parte das forças armadas sírias, enviando aos combates essa fração minoritária, liderado por familiares e pessoas próximas do governante - apoiados por grupos islamistas simpáticos ao governo. Estes grupos reprimiram brutalmente a oposição, composta por dissidentes das forças armadas e parcelas rebeldes da população, unificada na forma do Exército Sírio Livre e armada com apoio do ocidente e de monarquias árabes.

No meio desse turbilhão de agentes paramilitares, encontram-se diversos grupos jihadistas, dentre eles, o Estado Islâmico. Formado no Iraque a partir da divisão da Al-Qaeda no Iraque, o grupo não teve dificuldades em tomar as principais cidades iraquianas em 2014, e se estabelecer em direção à Síria em 2015, aproveitando-se do vácuo no deserto sírio e do caos da guerra civil.

A Rússia é o principal apoiador do regime de Assad. Para garantir o acesso ao seu posto naval no Mar Mediterrâneo, em Tartus, e a sua base aérea cedida pelo governo sírio, em Lataquia, Putin foi claro quanto à contrariedade à alteração do regime.

Em 2015, a Rússia iniciou um plano de intervenção no país, oficialmente atacando o Estado Islâmico no território sírio. No entanto, observaram-se ataques aéreos e bombardeios que atingiram civis sírios, especialmente na região de Aleppo, bem como a alvos estratégicos da oposição armada - em um claro esforço russo de enfraquecer o Exército Sírio Livre e auxiliar Assad na retomada do terreno perdido, objetivo até então conduzido com sucesso.



PARA SABER MAIS DICAS DE FILMES

Assim que Abro Meus Olhos

Verão de 2010 em Túnis, na Tunísia, alguns meses antes da Revolução de Jasmim. Enquanto o regime de Ben Ali cai, Farah (Baya Medhaffer), uma garota de 18 anos, se junta a uma banda de rock politizada e descobre o álcool, o amor e os protestos. Indo contra a vontade da mãe, Hayet (Ghalia Benali), que conhece os tabus do país, Farah mergulha cada vez mais nesse mundo, sem suspeitar do perigo de um regime político que a observa e se infiltra na sua privacidade. Para proteger a filha, Hayet fará o que for preciso, inclusive, reviver as feridas da sua própria juventude.

O Presidente

O diretor Makhmalbaf admitiu que se inspirou nas histórias de ditadores que enfrentaram, melhor seria dizer, sucumbiram à chamada 'primavera árabe', que varreu, com os ventos da transformação, o Oriente Médio e o norte da África. O filme passa-se, supostamente, num país fictício do Cáucaso. O Presidente em fuga tem apenas a companhia do neto de cinco anos. Um golpe de Estado aconteceu e o ditador agora circula pelas terras que um dia governou disfarçado de músico. Pela primeira vez ele se aproxima realmente da gente que por tanto tempo liderou, finalmente conhecendo aquele que era seu povo.